

?E a página virou?

Author(s):

[Helena Pinto](#) ^[1]

Show Author Info?:

0

Desde o dia 4 de Outubro que se discute quem deve governar. Ouvimos quase tudo sobre esta matéria. Dos argumentos mais estafados sobre a tradição, ao desespero da repetição sobre quem ganhou as eleições, até à declaração de que alguns partidos eram proscritos no que à governação diz respeito.

Ouvimos quase tudo para justificar o estado de negação em que entrou a direita perante os resultados eleitorais que lhe retiraram a maioria, perdendo mais de 700 mil votos, embora concorressem coligados.

Ontem, o Parlamento aprovou a rejeição do Governo PSD/CDS que Cavaco empossou. E fê-lo na plenitude das suas atribuições, como está escrito preto no branco na Constituição e os deputados e deputadas votaram cada um e cada uma por si, como deve ser o exercício do seu mandato.

Bom, mas para a direita, nada disto podia ter acontecido. PS, BE, PCP e Verdes têm a maioria no Parlamento, mas cometeram a ousadia de contrariar a ?tradição? e disseram que têm condições para um novo Governo, comprometido com o rompimento do ciclo de empobrecimento dos portugueses e portuguesas.

Tudo estaria bem, se fosse ao contrário: um governo minoritário do PSD/CDS que governaria com o apoio do PS. Tudo estaria bem, seria estável, pois nada mudaria, como se verificou com o programa apresentado.

Dramatizaram, extremaram as posições, os líderes parlamentares do PSD e CDS até saíram para a rua para apoiar uma manifestação (já agora também bastante minoritária, se compararmos com a manifestação da CGTP) e Luís Montenegro terminou a sua intervenção dizendo ?vamos ter um governo de alguns deputados e derruba-se o governo que o povo escolheu?.

Encerrou, sintetizando, melhor que ninguém, o pensamento do PSD ? a maioria dos deputados/as são ?alguns deputados? e o governo do povo é aquele que não tem a maioria. Palavras para quê? É um deputado do PSD?

Outra fileira da argumentação da direita baseou-se nas divergências existentes entre BE, PS e PCP e nos pontos em que não chegam a acordo. Tudo isto abrilhantado com ?questões de

fundo?, como o secretismo das negociações, a assinatura que não foi em público, os 3 acordos, etc.

Um acordo que não nega divergências, que assume objetivos, que respeita a identidade de cada partido que o subscreve, não é credível?

É exatamente porque assume tudo isto de forma transparente e porque os seus proponentes são absolutamente claros nos objetivos a que se propõem, que este acordo é credível, e nos dá a confiança de ser motor de uma alteração na política e na condição de vida das pessoas.

Artigo publicado em [mediotejo.net](http://www.mediotejo.net) [2] a 11 de novembro de 2015

Sumário da Home:

A nossa democracia inaugura novos caminhos, novas soluções.

Lead:

A nossa democracia inaugura novos caminhos, novas soluções.

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

URL de origem: <http://www.esquerda.net/opiniao/e-pagina-virou/39540?page=0>

Ligações:

[1] <http://www.esquerda.net/autor/helena-pinto>

[2] <http://www.mediotejo.net/e-a-pagina-virou-por-helena-pinto/>